

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA

ISSN: 2176-5960

maio - agosto de 2017

número 23

JOÃO PAULO MONTEIRO E O CONCEITO PRÉ-DARWINIANO DE SELEÇÃO NATURAL EM DAVID HUME

Rubens Sotero dos Santos
Doutorando em Filosofia
Universidade Federal da Paraíba¹

RESUMO: Nosso objetivo aqui consiste em mostrar a hipótese inicialmente apresentada e defendida por João Paulo Monteiro e, posteriormente, por seu pupilo, José Claudio M. Matos que fizeram uma leitura darwiniana da epistemologia de David Hume. A hipótese consiste em mostrar que há um conceito pré-darwiniano de seleção natural em Hume que permitiria a aproximação desses dois autores. Essa hipótese se constitui a partir da interpretação do que Hume chama de “sabedoria ordinária da natureza”. Dessa forma, inicialmente apresentaremos a hipótese de Monteiro e Matos e em seguida avaliaremos sua razoabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Hume. Darwin. Seleção Natural pré-darwiniana.

ABSTRACT: Our objective here is to show the hypothesis initially presented and defended by João Paulo Monteiro and later by his pupil, José Claudio M. Matos, who made a Darwinian reading of David Hume's epistemology. The hypothesis consists of showing that there is a pre-Darwinian concept of natural selection in Hume that would allow the approximation of these two authors. This hypothesis is constituted from the interpretation of what Hume calls the "ordinary wisdom of nature." In this way, we will first present the Monteiro and Matos hypothesis and then evaluate its reasonableness.

KEYWORDS: Hume. Darwin. Pre-Darwinian Natural Selection.

¹ Doutorando pelo programa de pós-graduação em filosofia da UFPB em conjunto com a UFPE e UFRN.

I – A versão de Monteiro e Matos

Inicialmente, João Paulo Monteiro, em seus artigos *Indução e seleção natural* (1984) e *Indução: respostas darwinianas* (2003) e, depois, José Claudio M. Matos, em sua tese de doutorado *O naturalismo de Hume e a epistemologia evolutiva* (USP – 2004), orientada por Monteiro, apontaram uma possibilidade de se ler Hume a partir das teses de Darwin. Para ambos, é possível identificar nas obras de Hume elementos para aproximá-las da teoria evolucionista de Darwin.

O ponto de partida das interpretações de Monteiro e Matos refere-se à origem do hábito que, segundo Hume, é um princípio da natureza humana que

[...] nos permitindo inferir efeitos semelhantes de causas semelhantes e vice-versa, por ser tão *essencial para a conservação de todos os seres* humanos, não poderia ser confiada às falazes deduções da razão humana, que é lenta em suas operações e não se manifesta, em qualquer grau, nos primeiros anos de nossa infância e, no melhor dos casos, no decorrer da vida humana acha-se extremamente passível ao erro e ao engano. Conforma-se mais com a *sabedoria ordinária da natureza* assegurar-se de um ato tão necessário da mente por meio de um instinto ou tendência mecânica, que pode ser infalível em suas operações e pode revelar-se a partir do nascimento da vida e do pensamento (HUME, 1999, p.129-30, ênfases nossas).

Assim, a partir da importância do hábito para a conservação dos seres, os interpretes acima buscaram mostrar o que significaria essa *sabedoria ordinária da natureza*: se uma explicação a partir de causas finais ou se ela poderia ser explicada a partir de um conceito pré-darwiniano de seleção natural que preservou o instinto do hábito por ele *ser tão essencial para a conservação de todos os seres*. Ambos rejeitam a primeira hipótese. Segundo Monteiro, “uma explicação teleológica do hábito e do sucesso das suas operações, em termos de causas finais, não poderia nunca merecer mais do que o desprezo e a ironia de Hume” (MONTEIRO, 1984, pp.115-116) e, além disso, tal tentativa se caracterizaria supérflua por multiplicar as causas sem necessidade explicativa (Cf. MONTEIRO, 1984, p. 122). Sendo assim, segundo eles, resta defender que o conceito humeano de “sabedoria da natureza” pode ser entendido como um conceito pré-darwiniano de seleção natural.

No entanto, para defender essa hipótese, tanto Monteiro quanto Matos recorrem não ao *Treatise* ou à *Enquiry*, mas sim aos *Dialogues Concerning Natural Religion* de Hume, obra essa que trata de forma instigante e aprofundada de algumas hipóteses sobre

o surgimento e a ordem do mundo natural. Nesse livro, o personagem Fílon, o cético do diálogo, apresenta o que seria um princípio de eliminação dos inaptos, diz ele: “gostaria de saber como é que um animal poderia subsistir sem que suas partes estivessem tão ajustadas? Não vemos que parece imediatamente sempre que este ajustamento cessa e a sua matéria, corrompendo-se, tenta alguma nova forma?” (HUME, 2007, p.61) e, com base nessa passagem, que resume bem uma das teses defendidas por Fílon, Monteiro afirma: “a ‘eliminação dos inaptos’ proposta por Fílon é *claramente* um princípio de seleção natural, isto é, um exemplo de seleção natural pré-darwiniana” (MONTEIRO, 1984, p.122, ênfase nossa)².

Os passos dados por Monteiro e Matos até agora foram: mostrar que o instinto do hábito foi implantado nos seres pela sabedoria da natureza, no segundo passo eles defenderam que essa sabedoria da natureza seria uma espécie de seleção natural na medida em que ela eliminaria os seres inaptos, isto é, ela selecionaria os seres, por exemplo, mais aptos a inferir efeitos semelhantes de causas semelhantes.

O próximo passo foi a dissociação de dois conceitos centrais na teoria de Darwin – o de seleção natural e o de evolução. Para Monteiro, o que temos nos *Dialogues* é “um conceito pré-darwiniano da seleção natural, mas não um conceito pré-darwiniano da evolução” (MONTEIRO, 1984, p.125) e, portanto, “embora proponha uma explicação por seleção natural, não é exatamente uma teoria evolucionista” (MONTEIRO, 1984, p.124). Sobre essa possibilidade, Matos segue os passos de Monteiro e diz que o conceito de seleção natural pode fazer sentido fora do de evolução desde que esteja compreendido dentro de um quadro conceitual ecológico que seria “a necessidade de desenvolver adaptação, que é imposta pelo ambiente aos animais – homem incluído – e que estabelece assim relações diversas entre eles, ou seja, um sistema ecológico da natureza” (MATOS, 2004, pp.17 e 146).

Por fim, o quarto passo dado na direção de aproximar Hume de Darwin feita por Monteiro e Matos foi, como já dito acima, ao se recorrer aos *Dialogues* e não ao *Treatise* ou a *Enquiry*. Na segunda parte desse trabalho, ao analisarmos a razoabilidade de cada um desses passos, iremos também melhor detalhá-los.

Em suma, Monteiro e Matos explicam a origem do instinto responsável pelas crenças causais tão essenciais à vida assim: eles defendem que a sabedoria da natureza,

² Monteiro vai dizer que o hábito, por ser essencial à inferência ou crença causal, pode ser entendido como “uma capacidade inata de grande valor adaptativo, preservada pela seleção natural darwiniana ao longo da evolução das espécies” (MONTEIRO, 2003, p.155-6).

responsável por assegurar o hábito, é uma metáfora para as “forças cegas e mecânicas da seleção que atuam no mundo natural” (MONTEIRO, 1984, p.131) e com isso buscaram aproximar Hume de Darwin.

II – Análise da versão de Monteiro e Matos

A leitura darwiniana da epistemologia de Hume feita por Monteiro e Matos é bastante instigante por abrir novas perspectivas. Mas, embora concordemos com os autores que é possível fazer uma ponte entre as ideias de Hume e as de Darwin, discordamos do caminho percorrido para tal. Concordamos, igualmente, com a impossibilidade de explicações teleológicas para os princípios da natureza humana e mesmo para ordem no mundo natural, a partir da *Enquiry* e do *Treatise*, e não a partir dos *Dialogues*, além disso, não buscaremos conceitos pré-darwinianos, sobretudo, dissociados do de evolução.

Como dissemos acima, Monteiro e Matos defenderam que o hábito foi preservado pela sabedoria da natureza devido a sua importância para a conservação dos seres. Concordamos com isso. O ponto delicado é a interpretação que os comentadores fizeram do termo “sabedoria da natureza” como sendo um conceito pré-darwiniano de seleção natural:

A sabedoria da natureza é a causa do hábito; se esta sabedoria é um exemplo de seleção natural pré-darwiniana, nesse caso a seleção natural é a causa do hábito, e um elemento central na explicação do sucesso das suas operações (MONTEIRO, 1984 P.136)

Analisaremos agora esse ponto em três partes: primeira, tentaremos entender o que Hume quis dizer com “sabedoria da natureza”. Segunda, apresentar o conceito de seleção natural de Darwin para tentar encontrar semelhanças com o que Monteiro identificou; por fim, mostrar o que a tese de Fílon da eliminação dos inaptos teria a ver com a seleção natural.

Hume utiliza apenas uma vez a expressão “sabedoria ordinária da natureza” em toda a sua *Enquiry*, já no *Treatise* sequer a encontramos. Na passagem, Hume está rechaçando uma de duas possibilidades para se explicar a capacidade de inferir efeitos semelhantes de causas semelhantes, dirá ele que estar mais de acordo com “a sabedoria ordinária da natureza [*ordinary wisdom of nature*] assegurar-se de um ato tão necessário

da mente por meio de um instinto ou tendência mecânica...” (HUME, 1999, P.130) e não por meio de uma faculdade racional. Em outras palavras, a capacidade de inferências causais estaria mais garantida aos seres se fosse por meio de instintos do que pela razão (dedutiva, apriorística, clássica) e essa é uma explicação a partir de causas naturais, portanto, uma explicação naturalista. Concordamos com Monteiro quando ele disse que Hume não aceitaria uma natureza intencional, isto é, teleológica. Isso porque, para ele, há apenas um tipo de causa: a eficiente (Cf. HUME, 2000, 1.3.14.32 P.115), com efeito, todo e qualquer evento natural deverá ser explicado a partir de causas eficientes (Cf. MATOS, 2004, p12-3). Desse modo, parece que não perderíamos nada em substituir “sabedoria da natureza” por “causas eficientes naturais” (natural contrapondo-se ao sobrenatural) ou simplesmente, “causas eficientes”. A citação poderia ser parafraseada nesses termos: o instinto do hábito responsável por assegurar as inferências causais foi garantido aos seres por meio de causas eficientes (naturais). Mas fica uma pergunta: quais causas? Dizer que chove porque há causas eficientes não explica nada, é preciso determinar quais das milhares de causas possíveis provocam esse fenômeno natural, o mesmo vale para explicar a diversidade de vida na Terra e por que alimentos se estragam. Para Hume, é possível – e ao que parece é a única opção válida – buscar sempre explicar os fatos e eventos por meio de causas eficientes naturais. No entanto, essa parece ser apenas uma máxima naturalista e, com efeito, algo bem genérico, pois saber que a gravidade é explicada por causas naturais é diferente de saber que ela é provocada pela curvatura do tecido espaço-tempo.

Se a partir da máxima “tudo na natureza acontece segundo causas eficientes naturais” afirmássemos que temos uma teoria de tudo, ou, pelo contrário, um princípio para explicar algum fenômeno específico, certamente estaríamos sendo irrazoáveis. É preciso muito mais que isso para explicar cada organização particular na natureza. Sendo assim, parece demasiado precipitado afirmar que por “sabedoria da natureza” Hume tinha em mente algum princípio de seleção natural, seja para seres vivos ou em sentido mais amplo³. Parece mais aceitável entender sabedoria da natureza apenas como um pressuposto geral para causas eficientes naturais. Em outros termos: por sabedoria da natureza Hume talvez tivesse em mente apenas a ideia de que é possível explicar, no

³ Matos em sua tese diz: “É preciso ter o entendimento de que, tal como aparece na obra de Hume, o princípio de seleção natural é a solução de um problema cosmológico, e não somente biológico. Muito embora tenha tido na posteridade uma conotação mais restrita, como um princípio biológico” (MATOS, 2004, p.18).

caso específico a capacidade de se fazer inferências causais a partir do instinto do hábito, por meio de causas naturais, pois como ele mesmo disse “ela [natureza] também implantou em nós um instinto” (HUME, 1999, p.130). Se analisarmos com cuidado esta última citação, vemos que Hume apenas diz de forma demasiadamente genérica que o instinto do hábito é produto da natureza, o que caracteriza sua tendência naturalista, mas jamais chega a dizer *como* isso veio acontecer, até porque, tal explicação escaparia seu escopo. Se ele estivesse à procura dessa causa específica na natureza, talvez tivéssemos, aí, uma boa brecha para tentar fazer o que Monteiro e Matos quiseram.

Desse modo, vale, agora, apresentarmos, rapidamente, como Darwin entendia a seleção natural para tentarmos encontrar algum paralelo com a expressão “sabedoria da natureza”. Darwin chama “esse princípio, pelo qual cada pequena variação, se útil, é preservada, pelo termo seleção natural” (DARWIN, 1907, p.57). Ele percebeu que os indivíduos de todas as espécies nascem com pequenas variações, quando essas forem úteis – leia-se, vantajosas na adaptação –, podem ser preservadas. Há quatro fatores essenciais à seleção natural: variabilidade, adaptação, hereditariedade e mutação.

No processo evolutivo, os indivíduos de cada espécie nascerão com pequenas diferenças entre si, e isso acarretará uma *variabilidade* dentro da espécie. Essas mudanças poderão trazer pequenas vantagens na *adaptação* desses seres na luta pela sobrevivência e, no caso dessa variabilidade ser útil, ela poderá ser *herdada* pela prole futura, trazendo, novamente, uma vantagem adicional sobre os outros indivíduos da espécie e de outras castas. Mas para que esse processo aconteça de forma contínua é preciso que haja *mutação*, a força motriz da variabilidade. Tendo, pois, esses quatro elementos, a seleção natural manterá as espécies mais aptas ao meio em que vivem para que possam reproduzir e, assim, dar continuidade ao processo evolutivo.

Com isso em mente, podemos perguntar: quais as semelhanças entre a seleção natural darwiniana e a suposta seleção natural humeana (pré-darwiniana)? Talvez Monteiro aqui afirmasse que estamos nos precipitando ao propor essa comparação apenas com a “sabedoria da natureza” e não com a versão que Fílon apresenta dela, a saber, o princípio de eliminação dos inaptos. Então é isso que faremos agora.

Apresentamos na primeira parte deste trabalho qual seria o princípio de eliminação dos inaptos de Fílon (Cf. MATOS, 2004 P.18): aqueles que não tiverem suas partes ajustadas serão eliminados, “Fílon sustenta, assim, que a ordem e a adaptação são suficientemente explicadas por princípios naturais” (MONTEIRO, 1984 P.121). Temos

aqui, então, uma especificação do princípio natural que seria o da adaptação. Este, portanto, parece ser o ponto que pode ligar ao conceito darwiniano, pois vimos que a adaptação é um entre os quatro fatores essenciais à seleção natural junto com a variabilidade, a hereditariedade e a mutação. No entanto, para colocarmos algo como anterior a outro, ou melhor, como uma espécie de esboço ou de uma ideia embrionária é preciso muito mais do que uma única semelhança (talvez fortuita). Tanto Newton quanto Einstein desenvolveram teorias sobre a gravidade, mas não se diz que Newton tinha uma teoria gravitacional pré-einsteiniana. Apesar de o fenômeno ser o mesmo, as explicações são completamente distintas. Voltaremos a esse ponto mais a baixo.

O que faremos agora é analisar outro passo dado por Monteiro e Matos, a saber, a dissociação do conceito de seleção natural do de evolução para assim tentarem acomodar o famigerado conceito pré-darwiniano de seleção natural na epistemologia de Hume. Pretendemos mostrar que não faz sentido essa dissociação. Tentaremos mostrar que o que Hume propôs é completamente dessemelhante ao que Darwin propôs e, assim como as teorias gravitacionais de Newton e Einstein, não podemos colocar a teoria de um como a pré-teoria do outro, ou o pré-conceito de outro.

Falamos na primeira parte que, para Monteiro, Hume propôs um conceito pré-darwiniano de seleção natural, mas não um conceito pré-darwiniano de evolução. Ele, assim, dissocia esses dois conceitos (Cf. MATOS, 2004 p.16). Sendo dois conceitos, então, eles são distintos e, portanto, podem ser separados. No entanto, fica uma questão: será que, separados, eles continuam com o mesmo significado? Dirá Matos que “é possível falar com sentido de um mecanismo de seleção natural divorciado da evolução biológica, sem medo de estar sendo incoerente” (MATOS, 2004, P.19). Acreditamos, no entanto, que não. Há uma dependência mútua. Monteiro e Matos defendem que “a explicação por seleção natural proposta por Fílon tem o seu lugar no interior de uma abordagem ‘ecológica’ dos problemas da ordem e da adaptação na natureza” (MONTEIRO, 1984, P.125-6). Ou seja, para que a seleção natural faça sentido sem a evolução, ela precisa estar inserida dentro de uma abordagem “ecológica”. Diz Matos:

O que Monteiro quer dizer com “ecológica” é que Hume possui uma abordagem da natureza humana, em que ela se constitui a partir do modo como se relaciona com outras formas na natureza. Com outros humanos em particular, mas em geral com todo o ambiente, não incluindo somente os seres vivos, mas o próprio meio e suas condições (MATOS, 2004, p. 146).

Em outra passagem, Matos torna isso mais claro ao dizer

Ora, esta ideia de um panorama, ou quadro conceitual ecológico, é justamente o que encontramos em Hume, tanto em sua explicação da ordem da natureza, como na ideia de que o conhecimento resulta de um instinto compartilhado, em certa medida, pelo homem e pelos animais. A necessidade de desenvolver adaptação, que é imposta pelo ambiente aos animais – homem incluído – e que estabelece assim relações diversas entre eles, ou seja, um sistema ecológico da natureza, está presente em diferentes pontos da obra de Hume, bem como depois, na obra de Darwin (MATOS, 2004, p.17).

Matos, nessa última citação, diz algo que pode ser a chave para resolver nosso problema: “a necessidade de desenvolver adaptação, que é imposta pelo ambiente aos animais”. O que se entende aqui por adaptação? Ao que parece, tanto Monteiro quanto Matos utilizam essa palavra no sentido usual: a capacidade de se ajustar ao meio ou a capacidade de se harmonizar com o ambiente. Nesse sentido, adaptação pode ser desde “um comportamento que permite melhor evasão de predadores, uma proteína que funciona melhor na temperatura corporal ou uma característica anatômica que permite que o organismo acesse novos recursos valiosos”⁴. O processo pelo qual isso acontece é, em evolução, a seleção natural: as pequenas variações que ajudam na adaptação são com frequência selecionadas naturalmente pelo ambiente. Em vista disso, parece razoável dizer que adaptar-se é modificar-se. Mesmo que a mudança seja mínima ela ocorre no processo adaptativo. E é o ambiente que impõe aos seres que se adaptem.

Segundo Monteiro e Matos, é nesse sistema ecológico que a seleção natural pode fazer sentido fora da evolução. Mas ao que parece, se referir a seleção natural nesses termos não difere de falar dela como a responsável pelo processo evolutivo. Por um motivo, evolução de forma simples e direta “é descendência com modificação”⁵. São exatamente os seres que nascem com modificações úteis a sua sobrevivência, isto é, melhores adaptados ou com melhores capacidades de se adaptarem, que possuem maiores chances de repassarem seus genes adiante e, assim, dá sequência ao processo evolutivo. Evolução não é *necessariamente* especiação: o surgimento de novas espécies.

Desse modo, parece que a tentativa de dissociar a seleção natural da evolução colando-a em um sistema ecológico da natureza na verdade termina por pressupor a evolução de alguma forma. Os conceitos de evolução e seleção natural, apesar de serem

⁴ <http://www.ib.usp.br/evosite/evo101/IIIE5Adaptation.shtml>

⁵ <http://www.ib.usp.br/evosite/evo101/IIIntro.shtml>

distintos, possuem uma ligação, e separá-los pode levar o outro a ficar sem seu significado original. A adaptação, essencial à seleção natural, já traz consigo a noção de evolução. A evolução não para, está presente em cada ser biológico da concepção a sua morte, assim, parece que não é possível falar do processo pelo qual a evolução ocorre (seleção natural) sem ter de alguma forma a ideia de evolução. Pode-se objetar, no entanto, que não é porque a evolução é uma teoria bem aceita que todos teriam que pressupô-la, sobretudo, antes de Darwin ao se falar sobre a vida. Ao que se poderia responder que sim, é possível falar em adaptação sem nunca ter cogitado a ideia de evolução das espécies. E isso é bem razoável. Porém, parece que a ideia de adaptação não faria sentido sem que a evolução fosse o caso, pois, como poderia os seres se adaptarem aos seus *habitats* das mais surpreendentes maneiras e isso não levar a evolução? Evolução no sentido mais simples do termo: descendência com modificação. Em outras palavras, parece que a nossa noção de adaptação só faz sentido porque há um processo evolutivo. Se não houvesse a evolução se quer os seres precisariam se adaptar, pois, de duas uma: ou eles já teriam nascidos (ou criados!) adaptados e não necessitariam mudar, ou eles não existiriam mais – caso o *habitat* deles mudasse drasticamente, como aconteceu algumas vezes na história geológica da Terra. Se há adaptação, há mudanças e se há mudanças há evolução. O conceito de adaptação, de alguma forma, subjaz no de evolução.

O sistema ecológico da natureza, como entendemos, é a capacidade de se adaptar as necessidades que o ambiente impõe aos seres. A adaptação, no entanto, é o caso porque há a evolução. Assim, tentar acomodar o conceito de seleção natural dentro do sistema ecológico da natureza é um esforço desnecessário, pois, no final, ele de alguma forma já pressupõe a evolução, mesmo que implicitamente.

A tentativa de Monteiro e Matos de não invocarem a evolução é: caso fossem por esse caminho, eles estariam afirmando que Hume, de alguma maneira, antecipou uma forma de darwinismo, o que seria por demais desarrazoado. Para fugir desse problema, que de uma forma ou de outra tal tentativa de aproximar Hume de Darwin traz, eles se limitaram a um conceito pré-darwiniano de seleção natural, por acreditarem, talvez, ser mais fácil transportá-lo para o período de escrita dos *Dialogues*. No entanto, não encontramos uma maneira razoável de dissociar o processo pelo qual a evolução ocorre da própria evolução e ele continuar com o mesmo significado: selecionar os seres mais aptos. O sistema ecológico da natureza, isto é, a capacidade dos seres se adaptarem aos seus meios, só faz sentido à luz da evolução.

Isso pode ficar mais claro se compararmos as duas definições. A preservação de cada pequena variação, se útil, é o que Darwin chama de seleção natural. Já a descendência com modificação é a definição mais básica de evolução. Os seres nascem com leves modificações, que geram a variabilidade na espécie, essas modificações ou variações tendem a ser preservadas por serem úteis aos seres que as possuem, isto é, elas ajudam na adaptação. A seleção natural, portanto, ao selecionar as melhores características dos seres termina levando-os a evoluírem. Em Darwin, esses dois conceitos estão ligados umbilicalmente. É forçoso falar em adaptação sem que a evolução se faça presente de alguma forma. Em Darwin, portanto, não é razoável tratar da seleção natural sem a evolução.

Outro ponto ainda importante é que a adaptação, exigência desse sistema ecológico da natureza, é apenas uma das quatro outras características fundamentais da seleção natural, como já colocamos acima. Para que haja adaptação, é preciso que se tenha variabilidade, que por sua vez necessita que haja mutação, mas esses passos estariam comprometidos se não houvesse hereditariedade. Uma vez tendo tudo isso, a evolução se faz presente. Desse modo, podemos até concluir com alguma razoabilidade que tal sistema ecológico não se sustentaria apenas com a adaptação, já que ela dificilmente seria o caso sem as outras três características da seleção natural. Portanto, se a seleção natural como apresentamos aqui, como mecanismo da evolução, for tirada desse contexto, o sistema que ela buscar explicar ou estará incompleto ou equivocado.

É bem verdade que o conceito de evolução se fez presente a Darwin primeiro do que o de seleção natural, e não só a ele, como também a Lamarck e a Wallace. Ambos já sabiam que havia um processo evolutivo, só não sabiam como tal processo se dava. A seleção natural veio depois e só veio para explicar a evolução. Muito provavelmente, se Darwin e Wallace não estivessem tentando explicar a evolução, eles não teriam cunhado o conceito de seleção natural. A seleção natural só veio a existir por causa da evolução, com efeito, ele só carregará seu significado se for à luz da evolução. Dessa forma, pode-se até dizer: o conceito de seleção natural sem o de evolução é vazio e o de evolução sem o de seleção natural é cego.

Além de tudo isso, Monteiro e Matos sequer poderiam tentar um conceito pré-darwiniano de evolução, em especial, nos *Dialogues*, pois disse Fílon: “tanto quanto a história ou a tradição alcança, parece não haver uma única espécie que tenha sido extinta no universo” (HUME, 2007, p.82). A história evolutiva, porém, mostra exatamente o contrário disso. A extinção parece ser uma regra na evolução. Desse

modo, parece claro que um conceito de evolução não teria espaço nessa obra. Sendo assim, a partir do que já vimos, o conceito de sistema ecológico da natureza também não teria vez, já que ele está calcado na adaptação e essa leva necessariamente à evolução, mas como não há espaço para evolução, então, não há também sistema ecológico da natureza. Com efeito, não é possível falar de seleção natural dentro de um quadro conceitual ecológico. A seleção natural só faz sentido à luz da evolução.

Em vista disso, a seguinte passagem parece pouco consistente, diz Monteiro:

A hipótese de Fílon é que o mundo ordenado de hoje, assim repleto de seres adaptados como o conhecemos, foi *gradualmente* se formando, a partir da desordem original, através da seleção dos mais aptos – mas não que esses seres já adaptados tenham sofrido *qualquer* espécie de ulterior evolução (MONTEIRO, 1984, p. 125, grifo nosso).

Ora, como o mundo repleto de seres que foi *gradualmente* se formando através da seleção dos mais aptos pode excluir algum processo evolutivo? Como que os seres que se encontram adaptados não sofreram *qualquer* espécie de evolução? É o que já colocamos acima, de duas uma: os eles teriam nascidos, desde os primórdios, adaptados aos seus *habitats* (e aqui o planeta não poderia mais mudar – o que não é o caso); ou, por outro lado, os seres, impossibilitados de evoluírem, não existiriam mais devido a incessante luta pela sobrevivência imposta pelo ambiente (mudanças climáticas, doenças, escassez de alimento, predadores etc.) e, nesse caso, a diversidade de vida na Terra seria ínfima – o que também não é o caso. Esse é mais um caso que mostra que parece não fazer sentido falar de seleção natural sem evolução. Com isso em mente, podemos dizer que o princípio de eliminação dos inaptos proposto por Fílon tem, no máximo, muito pouco a ver com a seleção natural darwiniana.

O último problema que encontramos nessa tentativa de se buscar um conceito pré-darwiniano em Hume é a obra pela qual tal tentativa foi feita. Inicialmente porque os *Dialogues*, por serem uma obra em formato de diálogo, dificultam saber quais dos três personagens principais, Fílon, Démea e Cleantes, representam Hume, se é que algum o representa em sua totalidade. Tende-se a aceitar Fílon como o porta-voz das teses humeanas, mas isso não é de modo algum indubitável. Além do mais, teríamos, ainda, que explicar por que Fílon, após passar toda a obra demolindo as teses de Démea e Cleantes, teses essas a favor de explicações religiosas para a ordem do mundo natural, muda de postura no fim, abrindo caminho para as teses que acabara de refutar. (Talvez

tenha sido isso que levou Monteiro a tenta encontrar razões para esse último caso em seu artigo: *Parcimônia e Desígnio*).

III – conclusão

Dos quatro passos dados por Monteiro e Matos só seguimos o primeiro: acreditar que a natureza é responsável pelo instinto do hábito nos seres. Os três passos seguintes nos parecem por demais escorregadios, em especial, o segundo e terceiro. Disseram eles que a sabedoria da natureza seria uma espécie de seleção natural pré-darwiniana, no entanto, vimos que tal expressão é demasiadamente vaga, isto é, trata-se apenas de um pressuposto naturalista, a saber, que se deve explicar os fatos apenas com causas naturais. Isso porque, em Hume, há apenas causas eficientes, portanto, tudo o que acontece na natureza é por meio de causas eficientes, com efeito, por causas eficientes naturais. Desse modo, não poderíamos achar, de forma razoável, que uma premissa geral dessa poderia ser capaz de explicar algo demasiado específico como a origem de um instinto tão importante quanto o de hábito para os seres. O que parece que Hume quis dizer com sabedoria da natureza é: a explicação para o surgimento do hábito encontra-se na natureza; o hábito tem uma explicação naturalista, apenas isso. Mesmo o esforço de se buscar um princípio de eliminação dos inaptos não parece seguro, já que ele necessita de algo que certamente Hume não poderia oferecer: um conceito, mesmo que pré, de evolução. E foi esse o terceiro passo e, talvez, o mais delicado de todos: dissociar o conceito de seleção natural do de evolução. Vimos que a tentativa de acomodar o conceito de seleção natural dentro de um quadro conceitual ecológico é uma forma implícita de pressupor o que eles acharam que podia ser excluído – a evolução. Isso porque, ao propor tal sistema ecológico o conceito de adaptação veio junto e vimos que adaptação leva a modificações nos seres e exatamente isso leva à evolução, já que essa pode ser entendida como descendência com modificação. Com efeito, o sistema ecológico da natureza só faz sentido à luz da evolução, portanto, a tentativa de retirar a seleção natural do contexto evolucionista pareceu inócua. Por fim, o problema do último passo dado por eles foi escolher o *Dialogues*, isso porque uma obra nesse formato perde muito do rigor, não o rigor da investigação em si, mas de saber até que ponto o autor da obra está emprestando sua voz aos personagens e em que grau isso acontece e com que frequência.

Em vista de tudo isso, parece razoável concluir que essa tentativa de Monteiro e Matos de aproximar Hume de Darwin, apesar de louvável, instigante e promissora, não conseguiu encontrar um caminho seguro. No entanto, concordamos com eles em acreditar que existe um caminho que pode levar Hume a Darwin (ou vice e versa) e é nesse sentido que estamos trabalhando em um projeto que pretende pavimentar esse caminho para que em breve possamos percorrê-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUME, David. *Dialogues Concerning Natural Religion*. Cambridge University Press 2007.

_____. *Enquiries Concerning Human Understanding*. Oxford Uni. Press. 1999.

_____. *Treatise of Human Nature*. Oxford: Oxford University Press. 2000.

DARWIN, Charles. *The Descent of Man*. New York: D. Appleton, 1889.

_____. *The Origin of Species*. Henry Frowde, Oxford University Press London, 1907.

MATOS, J. C. M. *O naturalismo de Hume e a epistemologia evolutiva*. São paulo, 2004.

MONTEIRO, J. P. *Hume e a epistemologia*. Imprensa nacional/casa da moeda. 1984.

_____. *Novos estudos humeanos*. São Paulo. Discurso Editorial, 2003.